

DESENHO ETNOGRÁFICO PARA REGISTRO DO COTIDIANO EM AMBIENTE HOSPITALAR

ETHNOGRAPHIC DRAWING TO RECORD DAILY LIFE IN A HOSPITAL ENVIRONMENT

DIBUJO ETNOGRÁFICO PARA REGISTRAR LA VIDA COTIDIANA EN UN ENTORNO HOSPITALARIO

MIRANDA, CYBELLE SALVADOR

Professora associada da Universidade Federal do Pará | Doutorado em Ciências Sociais (Antropologia,) UFPA | cybelle@ufpa.br

AZEVEDO, ANNE LOUISE

Graduanda, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Pará | louiseazevedo05@gmail.com

RESUMO

O presente estudo objetiva apreender e representar a realidade cotidiana do Hospital Universitário João de Barros Barreto, exemplar histórico da arquitetura assistencial na Amazônia, integrando a pesquisa "Indicadores tectônicos em hospitais modernos: humanização e preservação arquitetônica". Nessa perspectiva, a partir do emprego da etnografia como subsídio teórico e metodológico, serão identificadas as dinâmicas entre ambientes do HUIBB e os seus usuários, buscando compreender os usos e percepções atribuídas ao hospital. Durante a pesquisa de campo no complexo hospitalar, foram produzidos desenhos das relações observadas, com a aplicação da técnica do desenho etnográfico, a qual integra as ferramentas de registro utilizadas, como a fotografia e as anotações em diários. Por meio da realização dessas atividades, foi possível reconhecer contribuições do uso do desenho etnográfico em pesquisas na área de Arquitetura, e como resultado, identificar fatores e meios capazes de promover o bem-estar aos usuários do HUIBB.

PALAVRAS-CHAVE: desenho etnográfico; arquitetura assistencial; hospital universitário João de Barros Barreto; Belém-PA.

ABSTRACT

This study aims to apprehend and represent the daily reality of the João de Barros Barreto University Hospital, a historical example of care architecture in the Amazon, as part of the research project "Tectonic indicators in modern hospitals: humanization and architectural preservation". From this perspective, using ethnography as a theoretical and methodological aid, the dynamics between the HUIBB's environments and its users will be identified, seeking to understand the uses and perceptions attributed to the hospital. During the field research in the hospital complex, drawings of the relationships observed were produced using the ethnographic drawing technique, which integrates the recording tools used, such as photography and diary entries. By carrying out these activities, it was possible to recognize the contributions made by the use of ethnographic drawing in architectural research and, as a result, to identify factors and means capable of promoting the well-being of HUIBB users.

KEYWORDS: ethnographic drawing; healthcare architecture; João de Barros Barreto University Hospital; Belém-PA.

RESUMEN

Este estudio pretende aprehender y representar la realidad cotidiana del Hospital Universitario João de Barros Barreto, ejemplo histórico de arquitectura asistencial en la Amazonia, como parte del proyecto de investigación "Indicadores tectónicos en hospitales modernos: humanización y preservación arquitectónica". Desde esta perspectiva, utilizando la etnografía como subsidio teórico y metodológico, se identificarán las dinámicas entre los ambientes del HUIBB y sus usuarios, buscando comprender los usos y percepciones atribuidos al hospital. Durante la investigación de campo en el complejo hospitalario, se produjeron dibujos de las relaciones observadas, utilizando la técnica del dibujo etnográfico, que integra las herramientas de registro utilizadas, como la fotografía y las anotaciones en el diario. La realización de estas actividades permitió reconocer las aportaciones del uso del dibujo etnográfico en la investigación arquitectónica y, en consecuencia, identificar factores y medios capaces de promover el bienestar de los usuarios del HUIBB.

PALABRAS CLAVE: dibujo etnográfico; arquitectura de la salud; Hospital Universitario João de Barros Barreto; Belém-PA.

INTRODUÇÃO

Este estudo¹ integra o projeto de pesquisa “Indicadores tectônicos em hospitais modernos: humanização e preservação arquitetônica”, o qual possui como *locus* hospitais modernos no Pará, visando produzir indicadores de percepção que definam aspectos da arquitetura que mereçam ser classificados como de interesse à preservação, de modo que sejam incluídos nos projetos de renovação dos ambientes hospitalares. Nesse sentido, o artigo presente tem como intuito identificar meios de proporcionar uma experiência positiva para as pessoas presentes no cenário cotidiano do Hospital Universitário João de Barros Barreto (HUIBB), exemplar da arquitetura assistencial moderna, localizado na cidade de Belém-PA.

Para isso, a pesquisa desenvolveu-se subsidiada pela etnografia, com o emprego da técnica do desenho etnográfico. Na primeira etapa do estudo, foi realizada a pesquisa bibliográfica sobre o HUIBB e estudos etnográficos por meio do acervo do Laboratório de Memória e Patrimônio Cultural (Lamemo). Posteriormente, foi iniciado o trabalho de campo no hospital. O desenho foi utilizado em conjunto com anotações em diários de campo e fotografias, para a produção de dados sobre a realidade vivida nesse ambiente da saúde. As obras foram produzidas através do emprego de técnicas do desenho à mão livre e pintura digital, e representam situações observadas na realidade cotidiana durante as visitas ao HUIBB.

A utilização do desenho em um estudo etnográfico foi demonstrada na dissertação de mestrado “A ‘nova’ Cidade Velha: arquitetura e percepções no entorno do centro histórico de Belém, Pará”, de Sidney Costa Filho (2022). Nesse trabalho, o desenho foi empregado em incursões realizadas na Cidade Velha, nas quais foram produzidas ilustrações de edificações da porção visitada do bairro, como meio de atrair a atenção de indivíduos presentes e estabelecer contato. Diante da perspectiva apresentada pelo autor, pode-se entender que essa técnica tem o potencial de contribuir com a pesquisa etnográfica, auxiliando nos objetivos do pesquisador. No nosso *locus* de pesquisa, a utilização do desenho visa apreender situações cotidianas vivenciadas por usuários em ambientes do HUIBB, de ampliar a observação e compreensão das relações comuns.

A partir da pesquisa de campo, teve-se como intuito reconhecer as percepções atribuídas aos ambientes estudados. Como apresentado em Silva e Miranda (2021, p. 53), a noção de percepção refere-se à combinação das sensações dos sistemas sensoriais humanos em relação a diferentes dinâmicas da realidade, o que ocasiona “impressões, julgamentos, comparações e de algum modo definições ou dúvidas” no ser humano. Ao levar em consideração que o ambiente construído também proporciona percepções no ser humano, apreender e entender essas relações permite alcançar os objetivos deste estudo.

DESENVOLVIMENTO

O uso do desenho na pesquisa etnográfica: aplicabilidade e contribuições

A natureza do desenho etnográfico parte do aporte teórico e metodológico fornecido pela etnografia. Para Belo (2016), tendo em vista a variabilidade de representações possíveis a partir das artes visuais, a incorporação dos fundamentos dessa área pelo(a) pesquisador(a) no exercício do desenho no cenário da pesquisa pode apresentar-se como meio para que as obras ilustradas nesse contexto ‘tornem-se’ etnográficas. Nesse sentido, o entendimento das conjunturas que envolvem a etnografia é essencial para o conhecimento das características e funcionalidades do desenho aplicado no âmbito antropológico.

A etnografia é uma área do conhecimento oriunda da antropologia, cuja aplicação na circunstância da pesquisa fundamenta-se na apreensão minuciosa da realidade estudada. Nesse contexto, como apontado em Rocha e Eckert (2008), as conjunturas investigadas a partir do método etnográfico integram-se aos diferentes aspectos que constituem a vivência comum dos indivíduos. Para a realização dessas investigações, realiza-se o trabalho de campo, no qual o pesquisador insere-se no meio estudado, incluindo-se nos “ambientes de convívio, os espaços e lugares por ele [o outro] ocupado” (Silva; Miranda, 2021, p. 50). Por conseguinte, o caráter da atuação do pesquisador demanda determinados embasamentos teóricos e convenções, relacionados à natureza do contato entre o observador e outro-observado, para assim viabilizar o alcance dos objetivos da pesquisa etnográfica.

Para Rocha e Eckert (2008, p. 2) a participação do pesquisador nesse contexto pauta-se no “deslocamento de sua própria cultura, para se situar no interior do fenômeno por ele ou por ela observado”. Essa conduta também é evidenciada em Silva e Miranda (2021), em que se destaca a contribuição da noção de alteridade no contexto da pesquisa etnográfica, como meio de aprimorar a relação entre observador e observado. Assim sendo, pode-se

entender a importância de garantir um trabalho de campo pautado no reconhecimento das individualidades do outro, evitando a atribuição de valores próprios que dificultem a predominância do respeito e harmonia entre as partes envolvidas nesse cenário.

Através desses aportes, as conjunturas observadas e percebidas em campo podem ser registradas através de mecanismos escritos e visuais, para assim possibilitar a realização de futuras interpretações e considerações. Incluem-se entre os meios de registro as anotações em diários e os métodos gráficos, entre os quais tem-se a prática do desenho, que utiliza das técnicas oriundas das artes visuais para a representação de ambientes, cenários, pessoas, objetos, dentre outros elementos ou aspectos variados que constituem as conjunturas reconhecidas no meio estudado.

A aplicabilidade do desenho etnográfico procede das suas singularidades como imagem, em relação aos outros meios visuais possíveis de serem utilizados pelo pesquisador, como a fotografia. Nesse caso, apesar de ambos os métodos se tratarem de retratos da realidade, apresentam processos de produção e obtenção de resultados díspares entre si. No momento de execução de um desenho no trabalho de campo, pode-se entendê-lo como uma “forma de pensar, observar e conhecer” (Azevedo, 2016a, p. 201), a qual, devido ao seu modo próprio de execução - que envolve o trabalho artesanal e interpretativo do autor - pode trazer diferentes contribuições para o processo de conhecimento do outro.

Em primeiro plano, adotar a prática do desenho pode aprimorar a atuação do pesquisador durante o desempenho do trabalho de campo. Em Belo (2016), a autora relata como os desenhos que produziu nesse contexto “metamorfosearam-se num mecanismo validador” da sua presença no meio estudado. O que pode proporcionar maior segurança na atividade do pesquisador: “Ao desenhar estava a ‘fazer alguma coisa’ não somente a observar ‘simplesmente’, mas a aplicar essa observação no treino do olhar crítico e na efetivação do desenho - logo, de algo palpável no imediato” (Belo, 2016, p. 87).

No ato de representar aquilo que se observa ou se percebe em um trabalho de campo, é imprescindível estabelecer um contato mais elaborado e duradouro com o objeto de estudo. É um processo que demonstra como o desenho etnográfico implica no aprimoramento da atenção ao que se deseja representar (Cabau, 2016). Ainda de acordo com o autor, nesse contato aprofundado com o meio e o outro desenhados, a prática do desenho desenvolve essa relação - no que tange a aceitação e relativização de encontro à estranheza - à medida que infere em deslocamentos, procura por diversos pontos de vista ou cenários, atuação na qual, por consequência são reveladas novas conjunturas e interpretações.

No que se refere às possibilidades de representação por meio do desenho etnográfico, tem-se uma gama de estilos, traços e técnicas a serem utilizadas, cuja escolha de qual aplicar depende da preferência e singularidade do autor. Sob essa perspectiva, vale ressaltar a importância do cumprimento daquilo que o desenho proporciona como meio de produção de conhecimento no seu processo de confecção em relação a um resultado definido (Azevedo, 2016a).

Por meio dessa multiplicidade de ilustrações, oriundas da perspectiva do pesquisador e sua forma de retratá-la, o desenho etnográfico pode registrar graficamente diferentes aspectos observados, incluindo conjunturas subjetivas presentes na vida social estudada. Segundo Kuschner (2016, p. 124), as imagens produzidas podem tratar de “um relacionamento, um sentimento, uma motivação”, entre outras situações intrínsecas nas dinâmicas cotidianas humanas. Desse modo, por meio dessa técnica é possível registrar graficamente e apresentar essas situações observadas em campo, que auxiliam na interpretação do Outro.

Portanto, pode-se entender o desenho como técnica que detém de qualidades consideráveis para o desenvolvimento de uma pesquisa no âmbito etnográfico. Desenhar em campo apresenta compatibilidade com os fundamentos da área e pode potencializar a compreensão do outro e do meio em que ele se insere.

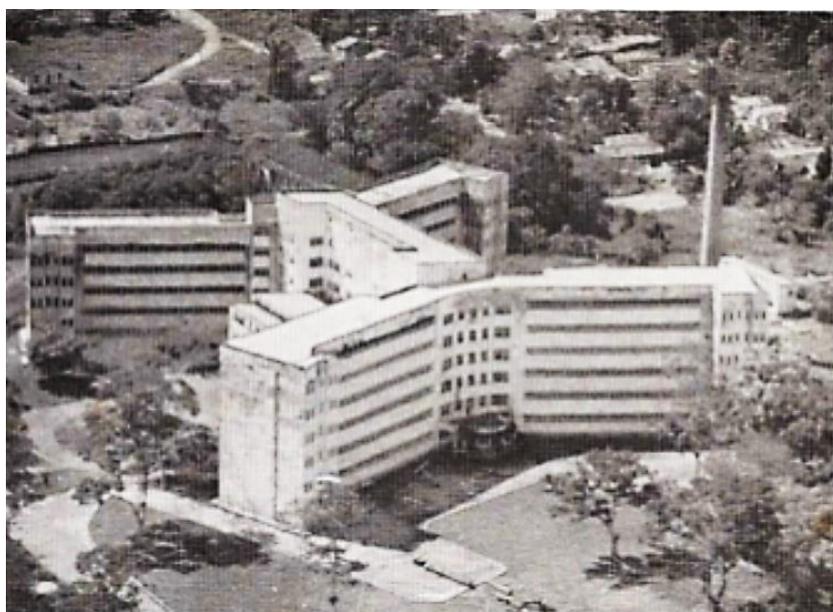
Hospital Universitário João de Barros Barreto: história, atualidade e espaço construído

A criação do Barros Barreto tem origem na emergência causada pela epidemia de tuberculose que afetou o Brasil na década de 30, cenário também presente na região norte do país. Nesse contexto, com a urgência na promoção de medidas capazes de viabilizar o tratamento dos enfermos acometidos com a doença, iniciou-se a construção de sanatórios em diferentes cidades brasileiras, projeto elaborado pelo Departamento Nacional de Saúde (DNS), sob a direção do Dr. João de Barros Barreto. Entre esses sanatórios, incluía-se o Sanatório Barros Barreto, que seria construído na cidade de Belém-PA, no bairro Guamá (Miranda; Abreu Júnior, 2016).

A execução das obras da edificação principal teve início em meados do ano de 1937. No entanto, ao longo da década de 40, o andamento das obras sofreu sucessivas paralisações, que culminaram na retomada desse processo somente na década de 50. Devido a isso, a inauguração do Sanatório Barros Barreto foi realizada no ano de 1959, em que foram admitidos 16 pacientes provenientes do Hospital Domingos Freire, hospital de isolamento localizado próximo ao Barros Barreto nesse período (Biblioteca Dr. Alexandre B. dos Santos).

O prédio principal do sanatório (figura 1) fora projetado e construído sob a influência dos preceitos da arquitetura moderna aplicada ao ambiente assistencial, vigentes no período em que esses processos foram efetuados. Como apontado em Leal; AUTOR (2018), entre as principais características do período em que o Barros Barreto atuava como sanatório, estão a planta em formato “H”, a tipologia monobloco vertical, e as fachadas com a presença de extensas varandas abertas, dos brise-soleils e de cobogós. Esses elementos das fachadas auxiliavam no tratamento da tuberculose, ao permitir a entrada de luz e ventilação naturais.

Figura 1: Prédio principal do Sanatório Barros Barreto



Fonte: Acervo fotográfico do HJBB, apud Miranda e Abreu Júnior, 2016, p. 23

Além disso, no entorno da edificação, a natureza também foi utilizada como meio auxiliar para a cura da doença, a partir da presença da vegetação do bosque original e de árvores de eucalipto, as quais detinham de recursos terapêuticos contra doenças respiratórias, o que revelava “uma preocupação paisagística com a área” (Leal; AUTOR; Queiroz, 2019, p. 105), para além da necessidade do isolamento de pacientes.

Assim, o Sanatório Barros Barreto atuou no tratamento de indivíduos com tuberculose ao longo da década de 60 e 70, em paralelo à continuidade de manutenções e obras para a conclusão da edificação em anos posteriores à inauguração. No decorrer desses anos, o cenário epidemiológico da tuberculose sofreu alterações ocasionadas pelo desempenho de novos métodos de controle da doença. Diante disso, em 1976, inicia-se a mudança do perfil de atuação do sanatório para hospital (Biblioteca Dr. Alexandre B. dos Santos). No decorrer do período de atuação como hospital, foram ampliadas as especialidades e serviços disponíveis, e foi iniciado o desenvolvimento de pesquisas na área da saúde e do ensino profissionalizante.

Em 1990, foi oficializada a proposta da cessão de uso do então Hospital João de Barros Barreto para a Universidade Federal do Pará (UFPA), sob a justificativa de aprimoramento do ensino, pesquisa e assistência no contexto da região amazônica (Biblioteca Dr. Alexandre B. dos Santos). Esse processo inferiu a readequação do então HJBB ao perfil universitário, na qual incluía-se mudanças na administração, manutenção e ampliação nas áreas de serviço, ensino e pesquisa e reestruturações físicas.

As transformações no perfil de atuação do Barros Barreto, demandaram uma série de intervenções estruturais nesse ambiente hospitalar, tendo em vista a necessidade de atender às suas novas funcionalidades, as quais, por sua vez, apresentaram constante desenvolvimento. Em Leal e AUTOR (2018) o levantamento das transformações ocorridas revela que as intervenções abrangeram a construção de anexos ao edifício principal e reformas que alteraram a configuração de determinados espaços e elementos arquitetônicos característicos do hospital.

Figura 2: Prédio principal do Hospital Universitário João de Barros Barreto.



Fonte: Autora (2023)

Na atualidade, o Hospital Universitário João de Barros Barreto é administrado pela Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares (Ebserh) e disponibiliza assistência gratuita, por meio da sua integração ao Sistema Único de Saúde (SUS). O prédio principal do HUIBB é composto pelo andar térreo e 5 pavimentos em funcionamento, e continua sendo alterado. As principais transformações são relativas às cores das paredes internas, aos tipos de piso e reformas de ambientes. Além disso, edifícios anexos presentes no complexo hospitalar também desempenham funções referentes a assistência e administração do hospital. A relação com a natureza ainda é presente no hospital, são presentes as árvores e diversos elementos paisagísticos no complexo hospitalar. No entanto, mudanças ocorreram em algumas áreas do Bosque/Parque dos Eucaliptos, as quais foram transformadas em locais para o estacionamento de veículos e de futuros edifícios anexos.

Figura 3: Presença de vegetação em parte do complexo hospitalar.



Fonte: Autora (2023)

O Hospital Universitário João de Barros Barreto continua passando por transformações nas suas áreas de atuação, que implicam na diversidade e quantidade expressiva de indivíduos que utilizam esse ambiente hospitalar, cujos contextos que permeiam sua história permitem o seu reconhecimento como testemunho material da arquitetura assistencial moderna e, portanto, patrimônio da saúde. Nesse cenário, tem-se pacientes, acompanhantes, estudantes e funcionários como os principais agentes presentes no cotidiano do hospital.

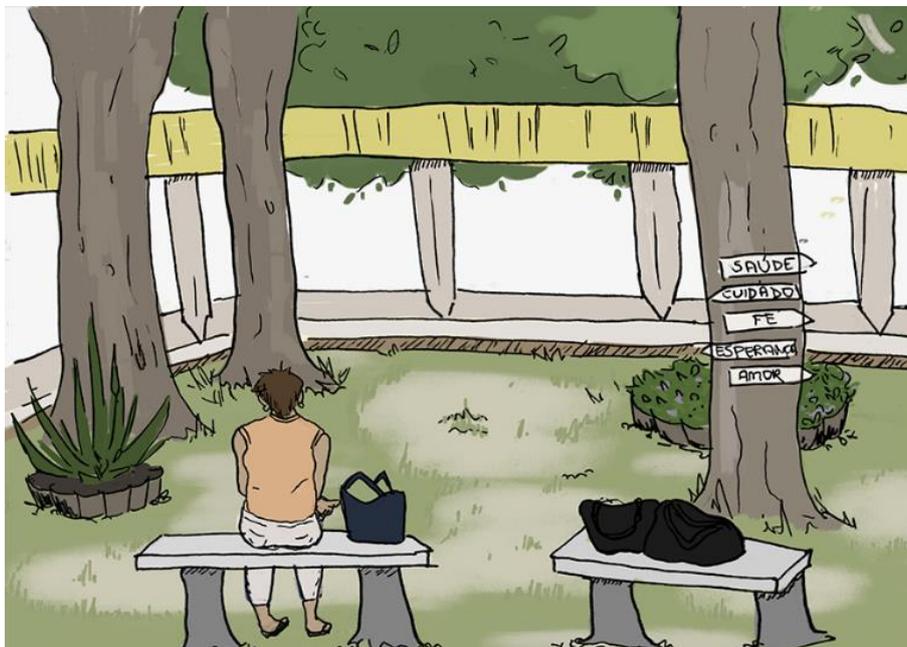
Registros etnográficos: os desenhos do HUIBB

Os desenhos produzidos no trabalho de campo no HUIBB foram confeccionados a partir do desenho à mão livre, com a utilização de uma lapiseira, canetas com tinta nanquim e um *sketchbook* pequeno como materiais. Dessa forma, foi possível aplicar a técnica nos ambientes visitados, mesmo em pé. Posteriormente, os desenhos foram digitalizados e coloridos digitalmente, com base nas fotografias feitas, por meio do aplicativo *sketchbook*.

Durante a produção dos desenhos no HUIBB, foram poucos indivíduos que chegaram a notar minha presença ou o que estava realizando, possivelmente pelos materiais escolhidos e meu posicionamento nos locais visitados. Mesmo que manifestassem notar a produção dos desenhos, não fui abordada. Também não foram percebidas pessoas que se deslocaram da minha vista ou mudaram seus comportamentos, situação que poderia indicar algum incômodo com a prática que eu desempenhava. Os desenhos foram produzidos no decorrer das visitas ao hospital, e são referentes às incursões dos dias 30/10/2023, 31/11/2023, 01/04/2024, no turno da manhã, e 19/04/2024, durante à tarde.

A figura 6 representa um dos jardins presentes no entorno do prédio principal do hospital. Nesse ambiente, havia a presença de árvores, plantas de ornamentação e bancos de madeira e de concreto. O desenho foi confeccionado a partir da visão que se tem ao sentar-se em um dos bancos desse espaço.

Figura 4: Perspectiva interna de um jardim localizado próximo ao prédio principal do HUIBB.



Fonte: Autora (2023)

No decorrer da observação e produção da obra, foi perceptível a rotatividade de pessoas que utilizavam esse espaço. Esses indivíduos sentavam-se nos bancos e ficavam no jardim até decidirem ou precisarem ir embora. A utilização desse ambiente para esse fim era possível principalmente pela presença da vegetação que, no dia da visita, em 30/10/2023, proporcionava sombra em quase toda extensão do ambiente. Além dessa situação, foram identificados usuários que aparentavam contemplar os diferentes elementos paisagísticos presentes enquanto estavam no local.

Próximo ao jardim, foi identificado o refeitório externo (ilustrado na figura 5). Esse espaço, também localizado próximo ao prédio principal, era composto por uma pequena elevação de concreto para formar o piso, pilares que sustentavam a cobertura simples, mesas, cadeiras e lavatório. O refeitório estava inserido em meio à vegetação, com a presença de árvores e outras plantas.

Figura 5: Refeitório Externo.



Fonte: Autora (2023)

Nesse ambiente, os usuários presentes eram diversos, sendo possível identificar acompanhantes ou pacientes, estudantes e funcionários. Foi possível identificar a utilização do refeitório para a realização de refeições ou apenas para acomodação, quando os usuários se sentavam no mobiliário do refeitório. Independentemente do uso escolhido, esses indivíduos desenvolviam conversas e interações uns com os outros.

Em uma das fachadas da ala oeste do prédio principal do HUIBB, foi possível identificar a utilização das varandas, elementos que compõem as principais características da arquitetura da edificação. Atualmente, esses ambientes estão gradeados ou incorporados a outros ambientes internos do prédio. No caso registrado nas varandas da ala oeste (figura 6) a situação principal era a presença das grades ao longo de toda a extensão desses ambientes. Ademais, esses espaços estavam em contato próximo da vegetação presente na área externa.

Figura 6: Varandas da ala oeste, vistas externamente a partir de uma das janelas do 5º pavimento do prédio principal.

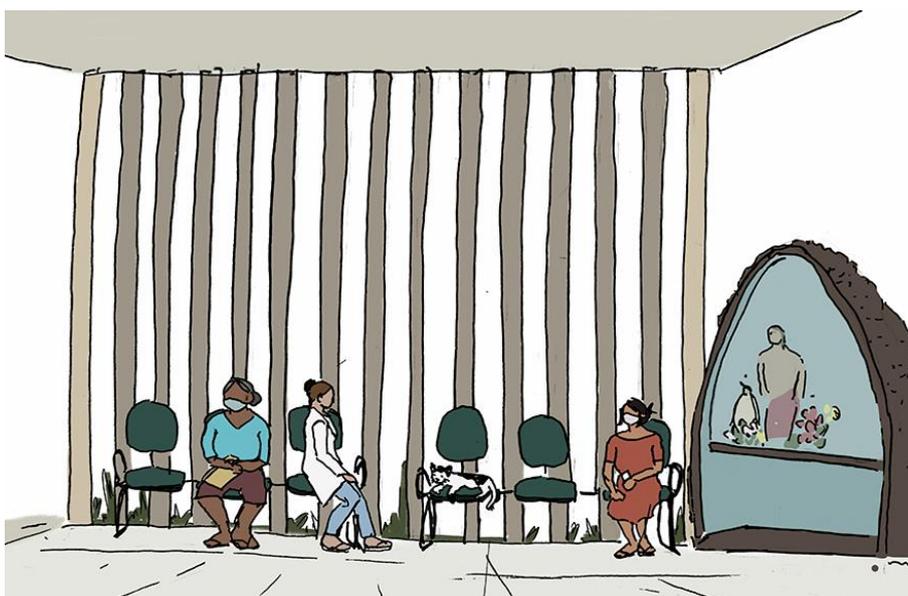


Fonte: Autora (2023)

Foi identificado que os indivíduos hospedados nos ambientes de internação utilizaram das grades colocadas para estender roupas, lençóis, entre outros tecidos ou elementos de vestuário, uso que correspondia a toda a extensão das varandas. Nesse dia, em 31/10/2023, a incidência de luz solar era um indicativo para a razão da utilização dos ambientes para esse fim. Além disso, durante o período de observação, algumas pessoas também se acomodavam nas varandas.

No prédio principal do hospital foi visitado o hall de entrada da edificação, durante a manhã do dia 01/04/2024. Esse ambiente realiza a transição do exterior para o térreo, com uma entrada para o corredor central desse andar. A área registrada desse ambiente, apresentada na figura 7, constitui-se de cadeiras dispostas em frente a um conjunto de brise-soleil vertical, com oratório ao lado desse mobiliário e, no lado exterior dos brises, um jardim, possível de identificar através desse elemento

Figura 7: Área de espera do hall de entrada do prédio principal do HUIBB.



Fonte: Autora (2024)

A área de espera do hall de entrada estava sendo utilizada por diversos usuários, especialmente acompanhantes/pacientes e estudantes. Os indivíduos utilizavam o ambiente para a acomodação no mobiliário, no qual - no dia e turno da visita - recebia ventilação e sombra favoráveis para a permanência nesse espaço. A presença do brise-soleil auxiliava na manutenção desses aspectos, ao proporcionar sombra sem afetar a circulação da ventilação próxima de onde os usuários se acomodavam. Em alguns momentos da observação e registro, foi possível identificar interações entre usuários ou entre usuários e animais presentes (especialmente gatos).

No interior do prédio principal do hospital, os ambientes visitados foram uma das recepções da ala leste do 1º pavimento e o corredor central do térreo. A figura 8 apresenta a setorização desses ambientes.

Figura 8: Plantas do térreo e primeiro pavimento do HUIBB, com a demarcação em azul dos locais escolhidos para estudo. Térreo – o corredor central. Primeiro pavimento – a recepção registrada na ala leste.



Fonte: Acervo do HUIBB adaptado por Autora (2024)

A recepção presente no 1º pavimento, localizada na ala leste do prédio principal, constitui-se de cadeiras dispostas ao longo da circulação, encostados nas paredes, e ficavam próximas do posto de enfermagem, do ambulatório e outras salas de atendimento presentes nessa ala. O desenho desse espaço utilizado como espera de atendimento (figura 9) foi produzido durante a visita do dia 01/04/2024, a partir da ação de sentar-se em uma das cadeiras dispostas na parede.

Figura 9: Usuários sentados em bancos da Recepção/Espera de atendimento da ala leste do 1º pavimento.



Fonte: Autora (2024)

Nesse local, as pessoas que utilizavam as cadeiras aguardavam atendimento ou acompanhavam pacientes. É um ambiente bem movimentado, com trânsito de pacientes/acompanhantes e funcionários de diferentes setores, que se deslocavam entre salas, ambulatório, posto de enfermagem, sentavam-se e saíam das cadeiras. No entanto, foi possível perceber certo desconforto pelos usuários no local, especialmente aqueles que utilizavam o mobiliário, devido ao trânsito de pessoas próximo às cadeiras. Essa situação era perceptível quando era necessário encolher as pernas ou sentar-se de lado para evitar obstruir o deslocamento dos passantes.

O corredor central do térreo é a circulação central do andar térreo do prédio principal, levando a diferentes ambientes desse pavimento, como circulações verticais, consultórios e setores administrativos. Ao longo da sua extensão, eram presentes janelas e alguns bancos. O corredor foi visitado em todas as incursões ao HUIBB, porém, a produção de registros dificultosa devido a intensa circulação de indivíduos e cargas. Na visita do dia 19/04/2024, durante o período da tarde, foi possível realizar a observação e registros mais detalhados, como o desenho ilustrado na figura 10.

Figura 10: Parte do Corredor Central do térreo.



Fonte: Autora (2024)

A movimentação intensa no corredor foi uma das situações predominantes identificadas durante a incursão. Além disso, outra questão presente era a recorrência de questionamentos de usuários, principalmente os identificados como acompanhantes/pacientes, sobre a localização de alguns espaços presentes no térreo, como as escadas e os acessos aos atendimentos de determinadas especialidades. As indagações percebidas eram direcionadas aos funcionários presentes nesse espaço.

A partir das incursões realizadas, foi possível identificar que os ambientes apresentados são espaços do HUIBB cuja utilização abrange os principais usuários do hospital: acompanhantes/pacientes, estudantes e funcionários de diferentes setores. São ambientes utilizados para acomodação, alimentação, deslocamentos, assistência e realização de atividades laborais. Desse modo, representam situações cotidianas do hospital.

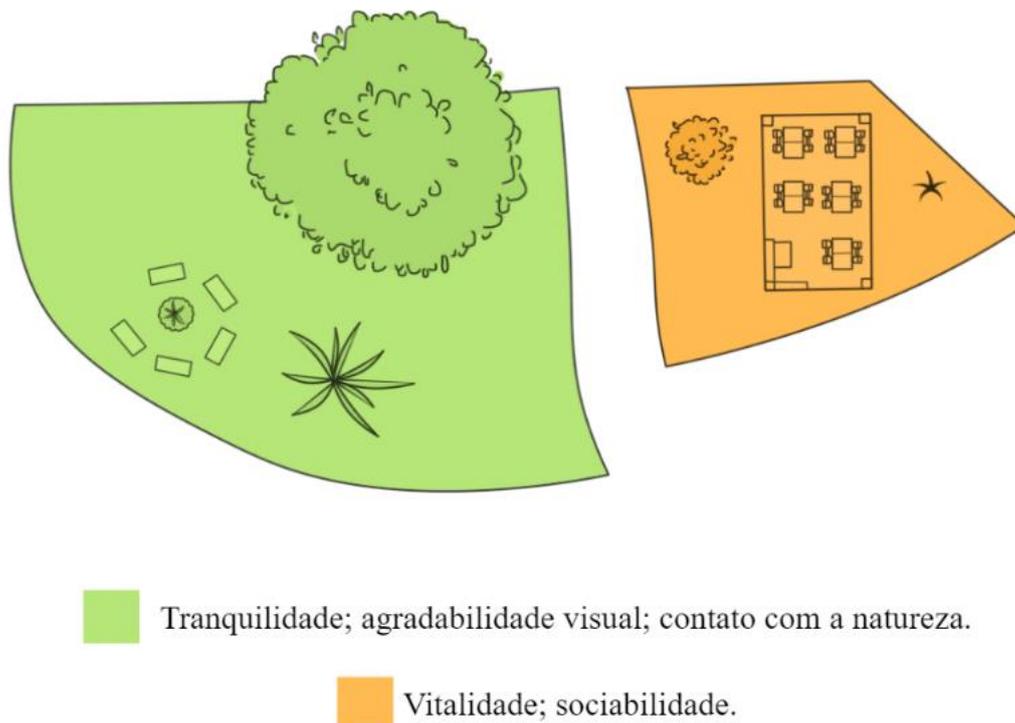
Cotidiano hospitalar: as relações entre o HUIBB e os seus usuários

Nos dados obtidos a partir das incursões etnográficas estão presentes as principais percepções dos usuários diante do hospital. Com o objetivo de sistematizar essas relações neste trabalho, foram desenvolvidos três diagramas que associam usos ou sensações e os ambientes visitados, com exceção das varandas, nas quais não foi possível adentrar para a realização dos registros. Como apresentado em Montaner (2017, p. 8), os diagramas detêm a possibilidade de serem utilizados como “instrumento para examinar e enriquecer os aspectos sociais, culturais e discursivos da prática arquitetônica”, o que demonstra o potencial desse mecanismo gráfico na representação dos dados obtidos no estudo presente.

Os diagramas apresentados nesse artigo foram produzidos por meio do software de desenho e pintura digital Paint Tool SAI. As ilustrações dos ambientes foram coloridas com base na associação de cores às percepções humanas, relação representada nas legendas abaixo dos desenhos esquemáticos. Segundo Azevedo, Santos e Oliveira (2000), existem significados comuns atribuídos às cores, os quais têm relação com o psicológico humano.

A figura 11 representa o diagrama referente para os ambientes externos “Jardim”, colorido de verde e Refeitório externo, em laranja. O verde em tons claros relaciona-se à paz, tranquilidade e bem-estar, enquanto o laranja à vitalidade e ação (Azevedo et al., 2000).

Figura 11: Diagrama 1 - Ambientes externos do HUIBB. Em verde, o Jardim e em laranja, o refeitório externo.

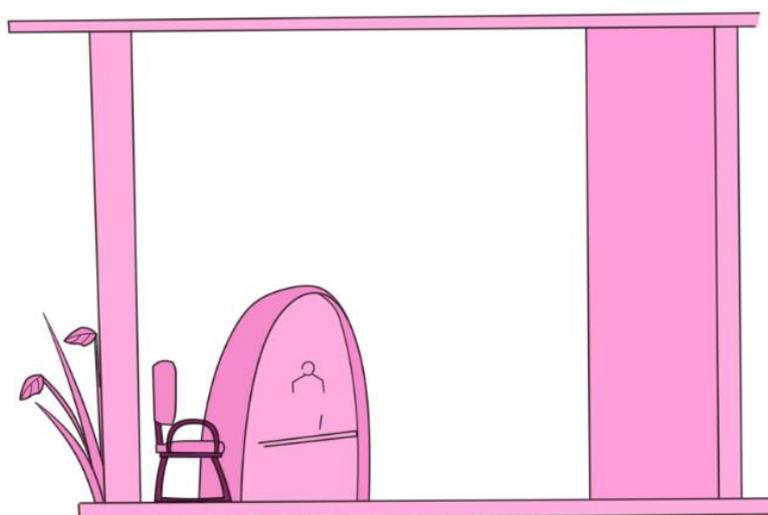


Fonte: Autora (2024)

No ambiente “jardim”, as percepções relativas à calma e tranquilidade foram identificadas a partir do uso observado em campo, no qual os usuários acomodavam-se próximo à natureza presente, e alguns indivíduos contemplavam os diferentes elementos paisagísticos do local. Por sua vez, o refeitório externo relaciona-se com a vitalidade e sociabilidade pela presença de diferentes usuários estabelecendo interações e conversas - muitas vezes triviais - enquanto acomodavam-se ou realizavam refeições.

Similarmente à figura interior, a figura 12 representa o diagrama referente à área de espera do hall de entrada do prédio principal do HUIBB, ambiente de transição entre o exterior e o interior do hospital. A utilização do rosa nesse ambiente está relacionada à sua associação à calma e ao relaxamento (Azevedo et al., 2000).

Figura 12: Diagrama 2 - Área de espera do hall de entrada do prédio principal, em rosa.



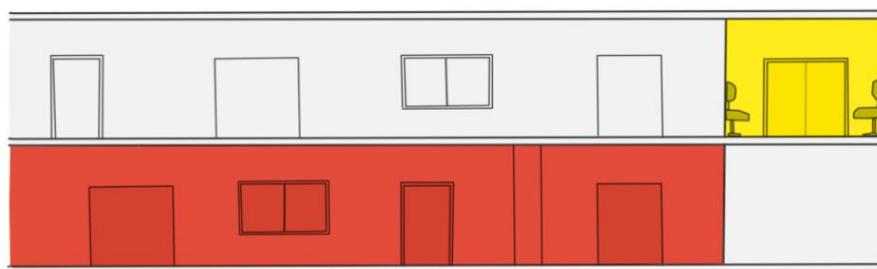
Relaxamento; calma; descontração.

Fonte: Autora (2024)

As percepções demonstradas no diagrama (figura 11) foram identificadas a partir da utilização do ambiente para acomodação no mobiliário e presença dos elementos jardim e oratório - que podem ser interessantes ou agradáveis para determinados usuários - e do brise-soleil vertical, que contribui com a sombra e ventilação. A partir dessas características, as pessoas presentes poderiam aguardar com conforto, ter algum relaxamento ou descontração no ambiente.

Por fim, a figura 13 representa o diagrama dos ambientes Corredor Central do térreo - em vermelho - e Recepção do 1º pavimento, em amarelo, ambos ambientes internos do HUIBB. A utilização do vermelho significa a sua possibilidade de causar irritação e inquietude, enquanto o uso do amarelo representa como a cor pode ser cansativa quando usada em excesso (Azevedo et al., 2000). Esse aspecto é representado no diagrama com tons mais saturados.

Figura 13: Diagrama 3 - Ambientes internos do HUIBB. Em vermelho, o Corredor central do térreo e em amarelo, a Recepção registrada no 1º pavimento, na ala leste.



■ Irritação; descontentamento; movimentação intensa

■ Situação cansativa; desconforto.

Fonte: Autora (2023)

A representação do corredor central do térreo refere-se à intensidade do trânsito de pessoas no local, maior do que observado nos demais ambientes ao longo das incursões e à dificuldade de localizar determinados espaços apresentada por usuários que visitavam o hospital. Era uma situação que causava experiências ou sensações relacionadas a desagradados e irritações em alguns indivíduos diante desse ambiente. Na recepção do 1º pavimento na ala leste, as principais percepções reconhecidas são o desconforto e o cansaço ao esperar nos mobiliários posicionados em uma área de circulação, impressões reveladas no posicionamento e expressões de usuários.

Diante dos materiais apresentados, foi possível perceber determinadas dinâmicas entre os usuários e os ambientes estudados. No caso do “jardim”, refeitório externo, e hall da entrada principal, tem-se ambientes que podem promover o bem-estar, a partir das suas características. A presença de vegetação e jardins, a possibilidade de acomodação nos mobiliários, a viabilidade para usuários interagirem (especialmente no refeitório) inferem em sensações agradáveis. Desse modo, a manutenção da qualidade desses ambientes, bem como possíveis melhorias, são fatores importantes para proporcionar o bem-estar aos indivíduos.

Outrossim, nas situações observadas no interior do hospital, os ambientes apresentam problemáticas que prejudicam a experiência dos usuários, ocasionando impressões negativas, como irritação e desconforto. Dinâmicas comuns do cotidiano hospitalar são afetadas, como ir ao local desejado e aguardar atendimento. Nesse sentido, no corredor central do térreo, é interessante proporcionar melhorias nas sinalizações presentes nesse ambiente, para permitir que os usuários possam transitar por essa circulação sem problemas relativos à orientação e localização. Na recepção do 1º pavimento, faz-se necessário buscar alternativas para promover mais comodidade aos usuários, através da alteração do posicionamento do mobiliário no espaço - ou a ampliação da área destinada a espera - permitindo que o aguardo por atendimento e trânsito pelo local não sejam dificultosos.

CONCLUSÃO

No que se refere aos métodos e técnicas utilizados, pode-se entender que a etnografia garante o suporte teórico e metodológico para compreender o cotidiano do HUIBB através dos seus usuários. Foi possível analisar o ambiente hospitalar e como ele impacta a vivência diária dos indivíduos presentes nesse cenário, por meio da observação e produção de registros em campo. O desenho etnográfico ampliou essas possibilidades, pois a sua produção contribui para o exercício da observação.

Esse aspecto demonstra a relevância do uso do desenho etnográfico em pesquisas em arquitetura. Nesse campo, o desenho é uma ferramenta importante para a representação de ambientes e seus elementos arquitetônicos. No caso do desenho etnográfico, o seu diferencial está na representação dos indivíduos presentes, sendo possível apreender como eles utilizam, interagem, ou percebem o espaço construído. Logo, incluir as pessoas - e outros seres vivos

presentes - permite apresentar e compreender as repercussões da arquitetura na realidade dos seus usuários, por meio do exercício de uma técnica compatível com a área.

Em relação ao espaço construído do hospital e os seus usuários, foi possível inferir a importância de ambientes e elementos que possam garantir uma boa vivência para as pessoas presentes no hospital e o exercício efetivo de suas dinâmicas comuns. Os ambientes externos e o hall da entrada principal do HUIBB mostraram-se importantes para os seus usuários, proporcionando uma experiência hospitalar de qualidade, apesar de exigir um planejamento espacial e tratamento mais específicos. Nos ambientes internos, é necessário torná-los mais compatíveis com o público, aumentando as áreas de espera e evitando que elas interfiram com o fluxo nos corredores. Desse modo, as dinâmicas apreendidas nos ambientes, positivas e negativas, revelam parâmetros ou problemáticas a serem levadas em consideração para promoção do bem-estar em ambientes hospitalares.

A partir do estudo presente, busca-se demonstrar possibilidades de promover uma boa relação entre ambientes hospitalares e seus usuários, a partir das dinâmicas observadas e registradas no Hospital Universitário João de Barros Barreto. Diante dessa perspectiva, é importante reconhecer o valor histórico e cultural do hospital para o patrimônio da saúde na região Norte do Brasil, considerando a qualidade espacial dos ambientes e de seus detalhes arquitetônicos, como varandas e brises, que contribuem para o conforto ambiental e uso efetivo dos espaços. Ademais, compreender quem são os usuários e como relacionam-se com o ambiente construído permite buscar meios de melhorar experiências e usos, de modo a promover efetivamente o bem-estar a partir da arquitetura assistencial.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, Maria de Fátima Mendes de; SANTOS, Michelle Steiner dos; OLIVEIRA, Rúbia de. *O uso da cor no ambiente de trabalho: uma ergonomia da percepção*. **Ensaios de Ergonomia**. Florianópolis: UFSC, jun. 2000. Disponível em: https://docs.ufpr.br/~monica.anjos/artigos/05_cores_ambiente.pdf. Acesso em: 26 jun. 2024.

AZEVEDO, Aina Guimarães. *Um convite à antropologia desenhada*. **METAgraphias**, v. 1, n. 1, 2016. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/metagraphias/article/view/50>. Acesso em: 5 out. 2023.

BIBLIOTECA DR. ALEXANDRE BARROS DOS SANTOS. *Histórico: compilação de documentos*. Belém: Hospital Universitário João de Barros Barreto, [19--]. 35 p.

CABAU, Philip. *Crús e descosidos: Reflexões em torno do ensino do desenho da antropologia*. **Cadernos de Arte e Antropologia**, v. 5, n. 2, p. 33-48, 2016. Disponível em: <https://journals.openedition.org/cadernosaa/1104>. Acesso em: 19 out. 2023.

COSTA FILHO, Sidney Pery da Silva. *A "nova" Cidade Velha: arquiteturas e percepções no entorno do Centro Histórico de Belém, Pará*. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Instituto de Tecnologia, Universidade Federal do Pará, Belém, 2022. 189 f. Disponível em: <http://repositorio.ufpa.br:8080/jspui/handle/2011/14264>. Acesso em: 23 jan. 2024.

GOMES, Inês Belo. *"Deixei o desenho enterrado" ou como ressuscitar o grafismo enquanto metodologia antropológica: um caso prático*. **Cadernos de Arte e Antropologia**, v. 5, n. 2, p. 75-90, 2016. Disponível em: <https://journals.openedition.org/cadernosaa/1122?file=1>. Acesso em: 19 out. 2023.

KUSCHNIR, Karina. *Ethnographic Drawing: eleven benefits of using a sketchbook for fieldwork*. **Visual Ethnography**, v. 5, n. 1, p. 103-134, 2016. Disponível em: <http://www.vejournal.org/index.php/vejournal/article/view/92>. Acesso em: 26 out. 2023.

LEAL, Larissa Silva; MIRANDA, Cybelle. *Por varandas, brises e cobogós: Arquitetura Sanatorial no Hospital Barros Barreto em Belém*. In: MELO, Alcília Afonso de Albuquerque; VIDAL, Celma de Nazaré Chaves de S. Pont. (Org.). **Conexões Modernas no Brasil**. Campina Grande: EDUFPG, 2022. Cap. 5, pág. 93-115.

_____; QUEIRÓZ, Thyse Layane Oliveira de. *Entre Eucaliptos e Concreto Armado: a modernidade estético-funcional do Sanatório Barros Barreto, Belém-Pará-Brasil*. **ARTis ON**, n. 10, p. 110-119, 2020. Disponível em: <https://artis-on.lettras.ulisboa.pt/index.php/aio/article/view/210>. Acesso em: 20 set. 2023.

MONTANER, Josep Maria. **Dos diagramas à experiência: rumo a uma arquitetura de ação**. São Paulo: Editorial Gustavo Gili, 2017.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; ECKERT, Cornelia. *Etnografia: Saberes e Práticas*. **ILUMINURAS**, Porto Alegre, v. 9, n. 21, 2008. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/iluminuras/article/view/9301>. Acesso em: 22 set. 2023.

SILVA, Luiz de Jesus Dias; MIRANDA, Cybelle. *Percepção, Etnografia e Ambiente construído: Potencializando pesquisas de alteridade em ciências sociais aplicadas*. In: SILVA, Luiz de Jesus Dias (Org.). **Percepção do Ambiente Construído: Por mais humanização em Arquitetura e Urbanismo**. Belém: Paka-Tatu, 2021. Cap. 3, p. 49-61.

NOTAS

¹ Este trabalho foi desenvolvido com o apoio do programa PIBIC/FAPESPA, bem como do CNPq, edital nº 09/2022 Bolsas de Produtividade em Pesquisa.